

A INCIDÊNCIA DO COMPORTAMENTO DE BULLYING EM ESCOLA PARTICULAR DE FORTALEZA

Natália Lourinho dos Reis

Jesus Garcia Pascual

Introdução

A escolha do tema deve-se, em primeiro lugar, ao contato que tivemos com o *bullying* na escola e no Centro Sócio-Educacional, caracterizado como organização não-governamental (ONG). O segundo fato, que motivou a pesquisa que dá ensejo a este trabalho, refere-se à violência no nosso país. Brasil tem sido reconhecido internacionalmente pela violência devido a inúmeros assaltos, seqüestros, tráfico de drogas e de armas. Tais fatos promovem discussões a respeito do tema. Embora convivamos com a violência declarada em nossa sociedade, foi nos anos 1980 que esse debate tomou novas proporções com a veiculação de ações violentas na mídia, protagonizadas por crianças e adolescentes, não só no Brasil, mas em todo o mundo.

Alguns conflitos, tensões e brincadeiras (FANTE, 2005) são fatos normais da idade que, inclusive, contribuem para o amadurecimento, mas estes não devem ser confundidos com o fenômeno *bullying*, desmerecendo o impacto desse fenômeno. Nota-se, contudo, que a violência que acomete crianças e adolescentes nem sempre é aberta e declarada, ocorrendo muitas vezes nas escolas sem que seus responsáveis dêem a devida importância a esses casos por julgarem serem apenas brincadeiras, implicâncias e atitudes típicas dessa faixa etária. Dessa forma, esses tipos de atitudes violentas são, algumas vezes, maquiados ou ocultados pela escola, que não visualiza a magnitude do problema no qual estão inseridos esses sujeitos.

A relevância social do tema ultrapassa, todavia, os limites da escola porque outras dificuldades de ordem psicossocial



surtem e se desenvolvem para além da idade escolar, afetando os relacionamentos pessoais, a adaptação ao mundo do trabalho e os níveis de saúde e bem-estar dos sujeitos envolvidos em situações de *bullying*. Sendo assim, os psicólogos e os educadores são procurados para explicar o que leva esses jovens a tais comportamentos e sentimentos, que os incitam a cometer atos violentos (SANTOS, XAVIER, NUNES, 2008). Os resultados obtidos na pesquisa mediante a metodologia ‘Análise de conteúdos’ e realizada em escola de Fortaleza mostram que a incidência e as características do fenômeno *bullying* segue padrões escolares de outras regiões brasileiras. O que nos leva a pensar em que sociedade nossos alunos estão se formando, como será o desenvolvimento da subjetividade desses indivíduos e como estes se comportarão na vida adulta?

Considerações Acerca do Bullying

Em meados de 1980, surge a palavra *bullying*, que, de acordo com a língua inglesa, significa touro (*Bull*). O conceito formulado recentemente aparece, portanto, como sinônimo de intimidação, temor, tirania, ato de maltratar alguém, agindo tal qual um touro raivoso. Segundo Fante, essa palavra é adotada para “definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão” (2005, p.27). Dando prosseguimento à discussão do tema, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA, 2008) define *bullying* como conjunto de formas e comportamentos agressivos, intencionais e repetidos, direcionados a alguém que se encontra numa relação de poder desigual com o autor da mesma, que causa dor e angústia não só a quem vivencia diretamente isso – a vítima – como também às testemunhas.

O *bullying* não é fenômeno recente, mas é certo que, com a mídia, os casos tornaram-se mais evidentes. Algumas das manifestações do *bullying* podem ser descritas como insultos, inti-



midações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas. Isto é, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais. A escola deve ficar atenta a esses acontecimentos, pois segundo Fante (2005, p. 78), o artigo 232 do Estatuto da Criança e do Adolescente prevê pena para quem “submeter criança ou adolescente sob sua autoridade, guarda ou vigilância a vexame ou a constrangimento”. Relatórios da UNESCO, não obstante, alertam que 57% das crianças e dos adolescentes que sofreram *bullying* não receberam apoio da escola a respeito das agressões sofridas.

Segundo Xavier (2009), o *bullying* poderia ser a forma encontrada por crianças para expressarem – nesse caso, de forma agressiva – certos conflitos internos, oriundos do seio familiar. A autora acusa a falta de diálogo e de limites como umas das principais causas da formação de personalidades que se enquadram nos perfis do *bullying*, além do autoritarismo, vínculos afetivos frágeis e violência familiar. Fante (2005) concorda com esses pensamentos na medida em que aponta como possíveis causas desse comportamento: a) a violência doméstica sofrida, b) a reprodução da violência sofrida de outros colegas, c) o autoritarismo dos pais que leva o filho a querer impor autoridade aos outros, d) a permissividade dos pais que leva o filho a não perceber os limites, e) a não especificação clara das regras por parte da escola, dando margem para que eventos assim ocorram e f) pais indiferentes que não dão atenção ao filho, levando-o a chamar atenção de outras formas.

O *bullying* é causado por um jogo de projeção e de identificação, já que o agressor pode se sentir inferior em algum aspecto se comparado à vítima, projetando nela um defeito que é seu, garantindo o seu prazer em detrimento dessa falsa superioridade alcançada após esse processo:

A violência entre escolares, desencadeada de forma repetida contra uma mesma vítima ao longo



do tempo e dentro de um desequilíbrio de poder, conhecida como *bullying*, é um dos temas que dificilmente podem passar despercebidos a um profissional de educação, por tratar-se de um fenômeno social de grande relevância e por possuir características peculiares que podem ser identificadas. Dentre elas, talvez a mais grave seja a sua propriedade de causar danos psicológicos irreparáveis ao psiquismo (se não identificados e tratados), à personalidade, ao caráter e à auto-estima de suas vítimas, manifestando suas seqüelas ao longo de toda a vida. (FANTE, 2005, p.15)

Os comportamentos de *bullying* podem ocorrer de duas formas: a) forma direta ou *explícita*, caracterizadas por agressões físicas e verbais, e b) forma indireta ou *velada*, ocorrendo, como assinala Fante, mediante “disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, visando à discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social” (2005, p.50). Ambas as formas são aversivas e prejudiciais ao psiquismo da vítima.

Os envolvidos com o *bullying* se dividem em três níveis ou perfis: a) *alvo*, b) *autor* e c) *testemunha*. Os alvos de *bullying*, geralmente, são pessoas pouco sociáveis e inseguras, não possuindo habilidade para reagir a essas agressões, pois têm a auto-estima comprometida. O medo, a tensão e a preocupação podem comprometer o desenvolvimento escolar, além de aumentar a ansiedade, a insegurança e o conceito negativo sobre si mesmo. São escolhidos por possuírem alguma diferença que motiva os agressores. Os autores do *bullying*, por sua vez, são pessoas na maioria das vezes impulsivas, consideram-se fortes, são bastante populares, têm problemas familiares, possuem opiniões positivas a respeito de si e sentem prazer ou satisfação em dominar. As testemunhas do *bullying*, finalmente, são pessoas que silenciam para não tornarem-se as próximas vítimas. Um fato importante é que, quando as testemunhas interferem e tentam cessar o *bullying*, elas obtêm êxito na maioria dos casos.



Vivemos em uma sociedade na qual o tema da violência é uma constante e, em meio ao crescente caos das nossas cidades, deparamo-nos com uma postura conformista e banal dos atos violentos, que repercutem na educação. A escola vive certas contradições, porque apesar de ser um espaço fomentador de interações e aprendizagens significativas, abriga formas veladas de violência, alimentadas em pequenos atos cotidianos. Depois da família, a escola é o ambiente mais importante de socialização da criança, tornando-se um ambiente no qual é possível encontrarmos uma gama de elementos que podem ser classificados como *bullying*, tais como: insultos, apelidos, isolamento, castigos físicos e psicológicos.

Os efeitos do *bullying* não se limitam aos aspectos relacionados com o rendimento escolar ou com a relação entre companheiros, mas prejudica, também, as funções de raciocínio e abstração, o interesse por si e pelo aprendizado, a percepção de si, a concentração, auto-estima e a capacidade de interiorização. Mas sofrer *bullying* na escola acarreta dificuldades de ordem psicossocial que sobrevive para além da idade escolar, afetando seriamente os relacionamentos pessoais, a adaptação ao mundo do trabalho. Justamente por ser sua manifestação sutil e velada, Fante (2005) considera essa forma de agressão difícil de identificar, o que garante sua divulgação mediante o silêncio.

A Pesquisa Que Enseja Este Texto

O objetivo deste trabalho é avaliar os comportamentos de *bullying* em estudantes do Ensino Médio, obtidos mediante pesquisa realizada em 2009. Avaliamos os resultados em relação à *incidência* de *bullying*, correlacionado-a com escolas de outros lugares do Brasil. É objetivo nosso avaliar também a *forma* de ocorrência desses comportamentos – sejam agressivos, intencionais ou repetidos – e, finalmente, avaliamos o *local*



em que os comportamentos de *bullying* são mais freqüentes na escola. A pesquisa foi realizada em uma escola particular, localizada na cidade de Fortaleza. O texto presente tece, ainda, considerações acerca da consciência que os sujeitos da pesquisa têm em relação à incidência de *bullying* e procura lançar algumas reflexões sobre o papel da família e da escola.

A avaliação dos resultados foi realizada mediante a metodologia conhecida como “Análise de conteúdos” proposta por Laurence Bardin (2008). Metodologia, etimologicamente, pode ser definida por longo caminho de estudo. Dessa forma, corresponde a um conjunto de procedimentos a ser utilizado na busca pelo conhecimento, configurando-se – segundo Barros e Leheld (2007) – como a maneira mais adequada de abordar determinados problemas no estado atual do nosso conhecimento. O campo escolhido para a pesquisa foi uma escola particular – com o número de alunos em torno de 1700 e com excelente infra-estrutura – que compreende desde o Ensino Infantil até o Ensino Médio. Ela está localizada em bairro de classe médio-alta da cidade de Fortaleza. Os instrumentos da pesquisa foram aplicados em alunos do 2º ano do Ensino Médio, somando o total de cento e um (101). Utilizamos de questionários com duas partes: a) fechados (apenas indicar uma opção entre várias ofertadas) e b) perguntas abertas, onde os sujeitos podiam manifestar sua opinião a respeito do fenômeno *bullying*, quer na condição de autor, de vítima ou de testemunha.

Analise dos Resultados

Os que sofrem *bullying* – Nós constatamos no que tange à freqüência do fenômeno investigado – conforme tabela nº 1 apresentada no apêndice do trabalho – que grande parte dos alunos sofreu algum tipo de *bullying* (66%), sendo que os tipos mais freqüentes foram os *apelidos* constrangedores (39%) e a



gozação (34%). Os locais onde se perpetram atos de *bullying* são a sala de aula (42%,) e pátio/banheiro/refeitório (43%). As pessoas que já sofreram *bullying* revelam que o sentimento que possuem após o ato de violência é, em sua grande maioria, a raiva (46%). A maioria desses atos violentos parece ter ficado no passado desses estudantes, pois 34% revelaram que quase nunca mais eles ocorreram, embora 21% desses estudantes ainda se apresentem como vítima de tal fenômeno. Tal fato aponta para a freqüência descendente em relação à idade. Considerando que esse é um comportamento freqüente e repetido, não quer dizer que por isso eles são menos importantes, pois, quanto mais cedo se sofrem tais fenômenos, menos imaturo se é para lidar com as conseqüências e, por conseguinte, maior é o impacto.

Os que praticam *bullying* – No que se refere à *perpetração de bullying* – conforme tabela nº 2, apresentada no apêndice do trabalho – cabe ressaltar que mais da metade dos sujeitos da pesquisa (54%) confessaram ter praticado o assédio em colegas. Percebemos que as sensações ao praticar o assédio contra outros colegas bifurcam-se em: a) ‘divertimento’ e b) ‘bem-estar pessoal’. No que se refere ao primeiro sentimento, encontramos respostas como “vontade de fazer algum tipo de palhaçada”, “engraçado”, “na hora me diverti...” ou “gozação”. O sentimento de ‘bem-estar pessoal’ aparece em respostas como “algo parecido com alegria”, “um pouco de satisfação com o ato”, “sensação de bem estar” ou “às vezes me sentia melhor que o outro no ato de humilhar”. Nem todos os alunos que praticam *bullying* mostram sentimentos agradáveis, pois eles falam que sentem peso na consciência “consciência pesada”; vergonha “vergonha do que fiz”; mal-estar interior “me senti mal, por isso parei”; culpa “me senti chateado e errado ao fazer isso”. Constatamos ainda na pesquisa que alguns alunos que praticaram o *bullying* não têm consciência da gravidade do constrangimento moral, pois o consideram como brincadei-



ra “normal [...] só uma brincadeira [...] levam na esportiva” ou quando o praticaram não percebiam tal gravidade “foi uma brincadeira [...] amadureci e não fiz mais”.

Os que testemunham bullying – Mostramos que o número de agressores ficava na média (54%) e os das vítimas o ultrapassava (66%). Surpreende-nos, contudo, o número de *testemunhas* desse fenômeno (83%) – conforme tabela nº 3, apresentada no apêndice do trabalho. Quando solicitados a refletir sobre a causa do fenômeno do *bullying*, metade (50%) dos alunos a atribui à *permissividade* dos pais, ou seja, para eles, a falta de limites na educação desses jovens é um fator determinante para a construção de perpetradores de *bullying*. Outros alunos (48%) atribuem a causa à *indiferença* dos pais, ou seja, pais que não dão atenção ao filho, levando-o a chamar a atenção de outras formas. Em relação ao que sentiram os sujeitos que testemunharam o fenômeno *bullying*, encontramos posturas de ‘indiferença’ “nada, só olhei”, ‘vontade de defender a vítima’ “Vontade de brigar, pois quem estava sendo agredido verbalmente não fazia nada”, ‘vontade de fazer justiça’ “Revolta, vontade de tirar satisfação com o agressor”.

Considerações

A partir de tudo o que foi exposto, nós podemos perceber que o *bullying* é um fenômeno que vem ganhando espaço não só na mídia, como também nas escolas, ocorrendo em diversos espaços da mesma. Os resultados da pesquisa levantam questionamentos de ordem educacional. Esse fenômeno que era anteriormente mais comum em meninos tem se propagado entre as meninas; moças e rapazes praticam e testemunham o *bullying*. Os números que representam isso são bem altos ou semelhantes se comparados a outras pesquisas realizadas em outras regiões do Brasil, o que nos leva a pensar em que sociedade nossos alunos estão se formando, como será o desenvolvimento



da subjetividade desses indivíduos e como estes se comportarão na vida adulta?

É percebido claramente que pouquíssimos alunos têm conhecimento do *bullying* como um fenômeno que traz prejuízos ao psiquismo daqueles que estão envolvidos, porque só compreendem como comportamento agressivo as formas diretas ou explícitas de violência. Até que ponto a banalização do fenômeno *bullying*, que se mostra nas respostas dos estudantes, não reflete a noção que educadores e pais possuem do mesmo? Se tal for o caso, escolas e pais devem traçar estratégias para combater tal fenômeno – tão prejudicial à vida dos alunos e filhos – buscando desenvolver projetos que estimulem a cooperação, a cidadania e a aceitação da diversidade. Face à complexidade do fenômeno, Santos, Xavier, Nunes (2008) solicitam a participação da família e da escola:

Como se pode perceber o *bullying* é um fenômeno complexo que precisa ser compreendido pelos pais e, sobretudo, pelos educadores. Inclusive, porque, na maioria das vezes, os ataques violentos são dissimulados diante dos professores ou dos adultos em geral. Estes, na maioria das vezes, não compreendem a extensão dos danos emocionais que o sofrimento psíquico causado pelos apelidos, xingamentos, exclusão, etc. pode gerar nas crianças e adolescentes vítimas. (p. 104)

Portanto, a escola não tem só a função de avaliar o bom desempenho dos estudantes pelas notas e cumprimento das tarefas, mas faz-se necessário perceber e monitorar as habilidades ou possíveis dificuldades que possam ter os jovens em seu convívio social com os colegas, passando a ser atitude obrigatória daqueles que assumiram a responsabilidade pela educação de seus alunos.

A escola deveria constituir-se como um espaço social de formação crítica e ética dos alunos a partir da promoção de



uma sociabilidade positiva, da aprendizagem de valores éticos, do desenvolvimento das capacidades físicas e psíquicas dos sujeitos, pautadas no diálogo e no respeito à diversidade. Constitui-se também como rico espaço de construção e de trocas simbólicas, um verdadeiro universo simbólico de significados e sentidos compartilhados, que se encerram na constituição da subjetividade e identidade dos sujeitos (ABRAMOVAY, 2002). Essas condições têm sido interrompidas por questões de violência, compreendidas não só como depredação do patrimônio coletivo e agressões físicas, mas pela violência simbólica que é velada, embora exista entre os diversos atores que compõem o contexto escolar. É preciso compreender como a violência concreta (agressão física) e a simbólica (*bullying*) são significadas, construídas e disseminadas no âmbito escolar, desenvolvendo uma leitura mais crítica sobre como os atores, que constituem a escola, desenvolvem sentimentos, percepções e atitudes acerca dessa instituição e dos comportamentos desenvolvidos na mesma, tanto de alunos quanto de profissionais da mesma e, em consequência, como serão as configurações relacionais nesse espaço. Pensando e trabalhando dessa forma é que podemos visualizar uma possível solução para a ocorrência do fenômeno *bullying*.

Nesse sentido, apontamos a direção de observar as interações dos alunos por parte dos professores ou dos filhos por parte dos pais para detectar manifestações de *bullying* e tais manifestações deverão ser avaliadas pela equipe psicológica da escola, já que seus efeitos podem comprometer o desenvolvimento psicológico dos estudantes, mormente nas fases iniciais. E, sendo assim, concordamos com Antônio Nóvoa, quando diz que o educador que acaba de se formar não pode ficar com as piores turmas nem ser alocado nas unidades mais difíceis, sem acompanhamento.

Pensar a formação docente continuada e modificar sua prática supõe evitar percursos didáticos que decepem sonhos



estudantis. Sendo assim, a profissão docente se reveste da de-
cência pedagógica necessária quando reconhece o interlúdio de
subjetividades em processo de desenvolvimento da subjetivi-
dade. A escola e sua parceria com as famílias se tornam, desse
modo, palco fecundo para compreender o processo de subje-
tificação, onde emergem fenômenos educacionais importantes
tais como cooperação, participação social e cultura de paz. Por
isso, pensamos que a formação docente deve estar inserida no
diagrama tridimensional, que descrevemos como: conhecer/
refletir/saber + comunicar/relacionar-se/integrar + ensinar/
aprender/transformar.

Não bastam aos professores os conhecimentos das disci-
plinas para serem educadores! Entendemos que educar significa
favorecer o desenvolvimento cognitivo, propiciar a interação
social e construir valores consistentes nos jovens que frequen-
tam a escola. As práticas de *bullying* não colaboram, certa-
mente, na obtenção dos objetivos traçados para a educação;
haja vista, sua incidência. Apoiados nos resultados da pesquisa,
convocamos os profissionais do ensino e os pais a travarem par-
cerias cada vez mais sólidas na construção da paz, apoiada na
justiça, nas escolas.

Referências

- ABRAPIA. **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Disponível em: < <http://www.bullying.com.br>>. Acesso em 10 mar. 2009.
- ABRAMOVAY, M.; RUA, M. das G. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Brasil: Edições 70, 2008.
- BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3ª edição, São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.



FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2ª ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

SANTOS, M. S.; XAVIER, A. S.; NUNES, A. I. B. L. **Psicologia do Desenvolvimento**: teorias e temas contemporâneos. Fortaleza, Editora Liber Livero, 2008.

XAVIER, A. Brincadeira sem graça. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 15 mar. 2009, VIVA, ano XXVIII, p. 1, 2 e 4.

APÊNCIDE

Tabela 1 – O que sentiram os que sofreram bullying

Categorias	Sentimentos	Total
Sofreram bullying		66%
Tipos	Apelidos	39%
	Gozação	34%
Locais	Sala de aula	42%
	Pátio/banheiro/refeitório	43%
Sentimento predominante	Raiva	46%
Etapa da vida	No passado	34%
	No presente	21%

Tabela 2 – O que sentiram os sujeitos que praticaram bullying

Categorias	Sentimentos	Total
Praticaram bullying		54%
Sentimentos Agradáveis	Divertimento	9%
	Bem-estar pessoal	11%
Sentimentos Desagradáveis	Mal-estar pessoal	8%
	Mal-estar com os outros	11%
	Ambos	1%
Sentimentos Neutros	Brincadeira	3%
	Revanche	2%
	Não manifesto	6%
	Neutralidade	3%

Tabela 3 – O que sentiram os sujeitos que testemunharam o bullying

Categorias	Sentimentos	Total
Presenciaram bullying		83%
Causas do bullying	Permissividade dos pais	50%
	Indiferença dos pais	48%
Neutralidade	Indiferença geral	21%
Apoio	Defesa, fazer justiça,	09%
Compaixão	Pena	33%
Mal-estar pessoal		42%